



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**



ÂNGELA MÁRCIA TORQUATO

**ATIVIDADES PEDAGÓGICAS COMO POSSIBILIDADE DE FORTALECIMENTO
DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: ESTUDO DO MUNICÍPIO DE ITAIPÉ -
MINAS GERAIS**

Itaipé / Belo Horizonte
Dez. 2014

ÂNGELA MÁRCIA TORQUATO

**ATIVIDADES PEDAGÓGICAS COMO POSSIBILIDADE DE FORTALECIMENTO
DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: ESTUDO DO MUNICÍPIO DE ITAIPÉ –
MINAS GERAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação do Campo na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Amália de A. Cunha

Co-orientadora: Cristiene Adriana da Silva Carvalho

Itaipé / Belo Horizonte
Dez. 2014

Ao concluir este trabalho, agradeço...

... em especial à minha mãe, que acreditou na possibilidade da conclusão deste curso e me apoiou mesmo diante da minha recente maternidade;

... à coordenação do curso e aos professores, pela dedicação e comprometimento com o trabalho desenvolvido, pelas interações e oportunidades de novas descobertas; e ainda pela compreensão pela minha maternidade;

... aos meus colegas de curso, que com muita coragem e determinação, oportunizaram momentos de troca de experiência, novas aprendizagens e amizades;

... aos educandos e educadores, sujeitos do campo e da cidade, sem os quais esta experiência não teria sido possível, meu agradecimento por acreditarem na educação e se vêem como sujeitos que podem transformar sua realidade;

... à meu esposo, Wagner, colega de curso, que me mostrou o caminho da Educação do Campo, que com amor e dedicação, sempre me incentivou, apoiou e entendeu minhas dificuldades para conquistar este trabalho;

... ao meu querido Cauã, que chegou durante este processo, e encheu minha vida de ternura e humanidade;

... à Deus, que me inspira e me faz acreditar que a luta é necessária e vale a pena.

RESUMO

O presente estudo trata do desenvolvimento das atividades pedagógicas realizadas por educandos do campo em duas escolas, com projetos educacionais diferentes, no município de Itaipé, Minas Gerais. A pesquisa se propõe a evidenciar quais atividades pedagógicas interage com a realidade e as vivências dos educandos do campo, despertando a participação e a valorização de sua cultura num lugar onde mais da metade da população é camponesa. O trabalho visa contribuir motivando o desenvolvimento de novas práticas à educação atual oferecida às famílias do campo e que favoreçam a construção de novas pedagogias escolares, mais abertas aos saberes, aos modos de pensar e de educar. Nesse contexto, apresenta uma análise das atividades pedagógicas, revelando a necessidade de uma educação voltada aos valores do campo e dos desafios para vivenciar uma escola colada nas origens, na valorização da terra e de sua produção, nas raízes das famílias do campo, pois acreditamos que as atividades pedagógicas que, de fato, evidenciam e valorizam as vivências de seus educandos ganham na construção do conhecimento.

Palavras-chave: Educação do Campo, atividades pedagógicas, Itaipé, construção do conhecimento.

LISTA DE SIGLAS

EFACIL - Escola Família Agrícola de Carai, Catuji, Itaipé e Ladainha

GEPAF - Grupo de Extensão de Pesquisa da Agricultura Familiar

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

PAA - Programa Nacional de Aquisição de Alimentos

SRE – Superintendência Regional de Ensino

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Composição da População Urbana e Rural na Microrregião Noroeste do Vale do Mucuri em 2010.....	16
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Síntese do Planejamento das Atividades Pedagógicas da EFACIL..... 27

Tabela 2 - Síntese do Planejamento das Atividades Pedagógicas da
Escola Pública 36

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Educandos organizados em círculo e participando da leitura e discussão do poema na EFACIL	30
Imagem 2 – Produção das atividades.....	31
Imagem 3 – Oração que precede as alimentações.....	35
Imagem 4 – Educandos da Escola Pública em fila tradicional, produzindo as Atividades	37
Imagem 5 – Noite Cultural na EFACIL	42
Imagem 6 – Noite Cultural na EFACIL	43
Imagem 7 – Noite Cultural na EFACIL	44
Imagem 8 – Peça Teatral	45
Imagem 9 – Apresentação de Dança	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - A POPULAÇÃO URBANA E RURAL DE ITAIPÉ	16
1.1 - Os números apontam a necessidade de uma educação voltada também aos valores do campo.....	16
CAPÍTULO II - OS DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO	18
2.1 - A Educação como valorização das raízes dos sujeitos do Campo	19
2.2 - Ética, Cidadania e Educação do Campo	22
CAPÍTULO III - ATIVIDADES PEDAGÓGICAS PARA UMA EDUCAÇÃO BÁSICA DO CAMPO	24
3.1 – Atividades pedagógicas sobre o poema de Cora Coralina realizadas pelos educandos da EFACIL e análise	26
3.2 – Desenvolvimento das atividades pedagógicas	28
3.3 – Atividades pedagógicas sobre o poema de Cora Coralina realizada pelos educandos da Escola Pública e análise	36
3.4 – Desenvolvimento das atividades pedagógicas	36
3.4.1 – Primeiro poema produzido – “Saber viver”	37
3.4.2 – Segundo poema produzido - “A vida”	39
3.4.3 – Terceiro poema produzido “O que é saber viver para você?”	40
3.4.4 – Atividades pedagógicas culturais dos educandos da EFACIL e da Escola Pública	41
CAPÍTULO IV – ANÁLISE COMPARATIVA DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS DA EFACIL E DA ESCOLA PÚBLICA	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
ANEXO I – Poema “Minha Comunidade”	54
ANEXO II – Poema “A Solidariedade na minha comunidade”	55
ANEXO III – Poema “Comunidade do Rio Manso”	56
ANEXO IV – Poema “Saber Viver”	57
ANEXO V – Poema “A vida”	58
ANEXO VI – Texto “O que é Saber Viver para você?”	59
ANEXO VII – Depoimento do educando da EFACIL	60

INTRODUÇÃO

O estudo proposto para o desenvolvimento de um trabalho voltado a atividades pedagógicas como possibilidade de fortalecimento da Educação do Campo: estudo do município de Itaipé – Minas Gerais se insere no conjunto de pesquisas sobre a relação entre sujeitos do meio rural que se deslocam diariamente para estudar em escolas urbanas. Mais especificamente, esta pesquisa pretende estudar um grupo de educandos que se desloca para estudar em escola pública urbana, localizada no centro de Itaipé, Minas Gerais, e outros educandos que cursam o ensino médio na EFACIL, Escola Família Agrícola (EFA) de Caraí, Catuji, Itaipé e Ladainha, localizada também em Itaipé. Este trabalho pretende identificar semelhanças e diferenças entre as atividades pedagógicas desenvolvidas pelos educadores e pelos educandos nas duas escolas a fim de analisar se elas interagem e valorizam nos educandos suas linguagens vinculadas à cultura, aos modos de produção e às práticas do campo. Não se pretende com a pesquisa descobrir quais atividades pedagógicas seriam melhores ou piores entre as diferentes escolas, mas queremos perceber quais se aproximam com mais intensidade da vida dos sujeitos do campo.

São duas escolas com projetos diferentes, mas que lidam com os sujeitos do campo. Objetiva-se compreender o trabalho dos educadores e educadoras com as matrizes culturais do homem, da mulher do campo; a relação do homem, da mulher com a terra; a celebração e transmissão da memória coletiva e o predomínio da oralidade. E ainda Identificar os significados atribuídos por educandos e educadores às atividades pedagógicas desenvolvidas em cada instituição.

Para subsidiar este trabalho e possibilitar a obtenção de resultados confiáveis, foi realizado um estudo qualitativo tendo como estratégia a investigação, dando ênfase aos fatos do processo e valorizando-os mais do que o resultado que ajudaram a perceber as questões mais importantes no andamento do trabalho. A descrição e o estudo das atividades realizadas por educandos do ensino médio na EFACIL e em uma escola pública que trabalham com sujeitos do campo foi possível por meio de observação, questionário, planejamento e análise de atividades pedagógicas desenvolvidas por educadores e educandos e outras atividades propostas por mim.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994) o investigador qualitativo deve tentar analisar os dados em toda a sua riqueza para uma melhor compreensão do seu objeto de estudo. Conforme os autores:

Ao recolher dados descritivos, os investigadores qualitativos abordam o mundo de forma minuciosa. Muitos de nós funcionamos com base em “pressupostos”, insensíveis aos detalhes do meio que nos rodeia e às presunções que nos guiam. Não é raro passarem despercebidas coisas como os gestos, as piadas, quem participa numa conversa, a decoração de uma sala e aquelas palavras especiais que utilizamos e às quais os que nos rodeiam respondem.

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.49)

A Constituição Federal de 1988 e a LDB 9394/96 representam as leis maiores que asseguram o direito à educação dos povos do campo. Vemos que aqui, no meio rural de Itaipé, funcionam pequenas escolas municipais e com estrutura precária, que atendem somente do primeiro ao quinto ano. Depois, estes educandos vão para a sede de Itaipé com o desejo de terminar o ensino fundamental e o ensino médio. Como educadora vejo as dificuldades que esses sujeitos enfrentam ao chegarem à escola urbana: o déficit de atenção é significativo, um grande número de reprovação e evasão, a participação nos conteúdos é baixa, a produção de texto é deficiente e apresenta pouco sentido.

Eu nasci numa cidade grande, em Vitória do Espírito Santo, e sempre presenciei uma educação urbana, salvo quando na graduação em Letras Português, na Universidade Federal do Espírito Santo, participei como colaboradora no projeto de pesquisa “Educação do Campo: Pedagogia da Terra”, coordenado pelo professor-doutor Erineu Foerste. Encantava-me a maneira como o professor falava do Campo, só não sabia que depois de quatro anos estaria morando e trabalhando com sujeitos do campo. A minha visão do campo, tirando a parte da natureza, do ar puro e da segurança não era boa: meus pais sempre falaram das dificuldades do trabalho na roça: que só comiam o que colhiam e quando colhiam, que o dinheiro era muito difícil, o trabalho desvalorizado pelo preço baixo dos produtos, a escola era muito longe, não tinha transporte escolar e a caminhada era de quase duas horas, além do que o ensino só tinha até a quarta série. Eles vieram de São Domingos do Norte, interior do Espírito Santo para morar em Vila Velha (ES). Minha mãe diz que na cidade é mais fácil para sobreviver: quando o salário do meu pai não

era suficiente ela completava lavando roupa para fora, vendendo pães e salgados e que na roça não era viável porque cada família fazia o seu pão. Em minhas pesquisas percebo que essa realidade mudou. Hoje, por exemplo, com os programas do governo federal, Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e Programa Nacional de Aquisição de Alimentos (PAA), as famílias do campo podem vender seus produtos agrícolas, caseiros e artesanais para serem distribuídos nas escolas, hospitais, creches e asilos; o ensino público é oferecido até o Ensino Médio e os alunos usufruem do transporte escolar gratuito. Em conversas informais com moradores das comunidades rurais de Itaipé vemos que essas conquistas são muito recentes, com um pouco mais de dez anos, e o projeto de educação do campo vinha sendo estudado neste mesmo período pelos sindicatos das comunidades rurais, membros da Prefeitura Municipal e da Universidade conhecido como Grupo de Extensão de Pesquisa da Agricultura Familiar (GEPAF).

Moradora da cidade de Itaipé há quase cinco anos, funcionária de escola pública como educadora de Língua Portuguesa e da EFACIL, como educadora de Literatura Brasileira vivencio duas realidades distintas, mas ambas com sujeitos do campo. É importante mencionar que 75% dos educandos da escola pública urbana são provenientes do campo, segundo dados fornecidos pela secretaria escolar. Então surgiu a pergunta: as dificuldades enfrentadas pelos educandos que vem do campo para as escolas urbanas são somente falta de interesse ou faltam atividades pedagógicas que dialoguem mais com o seu modo de vida? Daí a minha preocupação em conhecer e praticar atividades que alcancem e desperte para participação e inclusão dos alunos na vida escolar. Como educadora percebo que há uma falha no sistema educacional quando não alcança a participação efetiva desses sujeitos do campo. Mas, sabemos que não é tarefa simples discutir soluções para o problema, visto que fazemos parte desse processo educacional, somos fruto dele, e é o que conhecemos. Aprender a lidar com o outro, sua cultura e dificuldades é sempre um desafio, e no caso de Itaipé, urge por ser compreendido e transformado em trabalho para atender as necessidades dos sujeitos do campo. Foi assim que vim parar neste curso de Especialização em Educação do Campo, porque acredito que as famílias camponesas têm muito a oferecer no sistema educacional. Não queremos valorizar uma cultura em detrimento da outra, mas possibilitar que as duas encontrem condições para se desenvolverem.

A Educação do Campo está num processo de transformação e para incluir esta transformação nas escolas é preciso muita coragem e insistência. O modelo de educação do campo deve ser articulado com os direitos, com sua produção, com suas forças. Uma educação pronta para acolher, enriquecer e partilhar o conhecimento, discutir ideias em defesa da vida. Arroyo (2012) afirma que a teoria pedagógica adquire novo vigor quando está atenta aos sujeitos da própria ação educativa e sua formação humana. Para o autor,

A teoria pedagógica se revitaliza sempre que se reencontra com os sujeitos da própria ação educativa. Quando está atenta aos processos de sua própria formação humana. Processos de fecundos encontros que estão se dando entre a pedagogia escolar e a outra infância/adolescência, os outros jovens e adultos populares que ainda que tarde chegam às escolas públicas. Quando a ação educativa escolar ou extraescolar, de formação da infância, adolescência ou de jovens e adultos ou de educação popular se esquece deles e de seus processos, movimentos e práticas sociais, culturais e educativas e se fecha em discussões sobre métodos, conteúdos, tempos, instituições, calendários, avaliação... se perde e desvirtua. Perde suas virtualidades como teoria e prática educativa emancipatória. (ARROYO, 2012, p.28)

De acordo com minhas experiências escolares como professora de Língua Portuguesa, observo que as atividades pedagógicas dos educadores e educadoras seguem as regras de um sistema educacional que valoriza, sobretudo, o aumento do número nas pesquisas do desempenho do educando o que, às vezes, e segundo Arroyo (2012), pode prejudicar a reflexão sobre a condição humana e caminhar contrariamente a uma prática educativa emancipatória. Acredito que esta não seria a intenção dos educadores, mas como poderíamos ir além das discussões metodológicas e avaliativas e atentarmos para as questões sociais, culturais e educativas que formam os sujeitos? A investigação do objeto desta pesquisa que é interpretar as diferentes atividades pedagógicas entre a EFACIL e uma escola pública urbana pode ajudar a responder esta e outras perguntas inquietantes que poderão surgir.

Arroyo (2012, p.26) fala da presença de “outros sujeitos” em cena que trazem e exigem novas pedagogias: “Seu perfil é diverso, trabalhadores, camponeses, mulheres, negros, povos indígenas, jovens, sem-teto, sem-creche... Sujeitos coletivos históricos se mexendo, incomodando, resistindo. Em movimento”. Os educandos do campo também são vistos como “outros sujeitos”, aqueles que resistem mesmo quando por muitas vezes são invisibilizados, mesmo quando

algumas atividades pedagógicas dos educadores e educadoras oferecem uma linguagem distante das famílias camponesas, de sua história e práticas culturais. O objeto desta pesquisa não pretende ser contrário aos conteúdos e conhecimentos transmitidos pelas escolas, pois acredito que ninguém deva ir à escola para aprender aquilo que já sabe, isto é, que comunga com sua comunidade de pares, família, grupo, etc. Em contrapartida, o modo como estes conhecimentos são transmitidos é que podem aproximar ou afastar os sujeitos do processo de aprendizagem. É importante perceber quais indagações esses outros sujeitos trazem para as práticas pedagógicas para que o trabalho educacional seja realmente um instrumento de construção coletiva, transformadora e crítica.

Arroyo (2004, p.19) esclarece que “não nos é pedido que como educadores dinamizemos a sociedade rural a partir da escola, mas que dinamizemos a Escola, nossa ação pedagógica para acompanhar a dinâmica do campo”. Justifica-se, portanto, o estudo que se pretende realizar porque permitirá identificar semelhanças e diferenças entre algumas atividades pedagógicas desenvolvidas pelos educadores e educadoras nas duas escolas e analisar se esses sujeitos interagem e valorizam nos educandos suas linguagens vinculadas a sua cultura, a seus modos de produção, às práticas do campo. Espera-se, com a pesquisa motivar novas propostas que contribuam para a educação atual oferecida às famílias do campo e que favoreçam a construção de novas pedagogias escolares, mais abertas aos saberes, aos modos de pensar e de educar. Portanto, não se pretende comparar uma pedagogia tradicional com outra que valorize mais a ação dos sujeitos, mas buscar nas diferentes pedagogias formas de dinamização e aproximação com os sujeitos do campo.

No capítulo I abordaremos a necessidade de uma educação voltada também aos valores do campo por meio de aspectos geográficos que mostram um contingente populacional rural acima da população urbana. Caldart (2004) traz a reflexão de que campo e cidade devem ser vistos dentro do princípio da igualdade social e da diversidade cultural.

O segundo capítulo apresenta os desafios para uma Educação do Campo que reúne uma diversidade de povos que lutam por uma educação pública e de qualidade, não aquela que produz somente resultado, mas que tem como efeito a promoção de mudanças sociais, e que valorize o campo como espaço de reprodução da vida humana. Antunes - Rocha (2004) aponta o discurso histórico que

defende que o que é bom está na cidade, ao passo que o campo é visto como atrasado. Meurer (2002) considera esse discurso perigoso à medida que se torne senso comum e influencie nossas práticas sociais. Ferreira (1993) denuncia esse discurso capitalista conformador. Mazzetto (2003) apresenta diretrizes estratégicas para um novo modelo educacional. Os povos do campo têm direito a uma educação pautada nos seus hábitos e experiências porque também são sujeitos de direitos.

No capítulo III Arroyo (1999) discursa sobre a importância de se trabalhar no ambiente escolar as matrizes culturais do homem, da mulher do campo; a relação da criança, do homem, da mulher com a terra; a celebração e transmissão da memória coletiva e o predomínio da oralidade. Este capítulo apresenta as atividades pedagógicas a serem analisadas. CALDART (2000, p.89) afirma que o educador precisa tornar as práticas mais educativas e humanizadoras e precisa também “construir um jeito de educar que ensine seus educandos (sejam crianças, jovens, adultos...) a se ver nestes processos formadores, a se ver como sujeitos que podem transformar sua realidade...”

O quarto e último capítulo apresenta uma análise comparativa das atividades pedagógicas entre a EFACIL e a Escola Pública urbana.

CAPÍTULO I - A POPULAÇÃO URBANA E RURAL DE ITAIPÉ

Para uma melhor compreensão do problema proposto, faz-se necessário o estudo mais abrangente sobre as dificuldades enfrentadas para a efetivação da educação e valorização dos sujeitos do campo. Dessa forma, muitas questões e desafios serão discutidos à medida que formos traçando os caminhos para um melhor aproveitamento e interpretação de algumas atividades pedagógicas dos educadores e educadoras em acordo com a história de vida das famílias camponesas.

1.1 - Os números apontam a necessidade de uma educação voltada também aos valores do campo

O município de Itaipé, Minas Gerais, se localiza na Microrregião Noroeste do Vale do Mucuri, com uma média de onze mil, setecentos e noventa e oito habitantes, segundo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2010. Com uma população de aproximadamente seis mil, oitocentos e cinquenta e cinco do contingente habitacional residente no campo nos deparamos com um índice superior ao da área urbana, conforme gráfico abaixo:

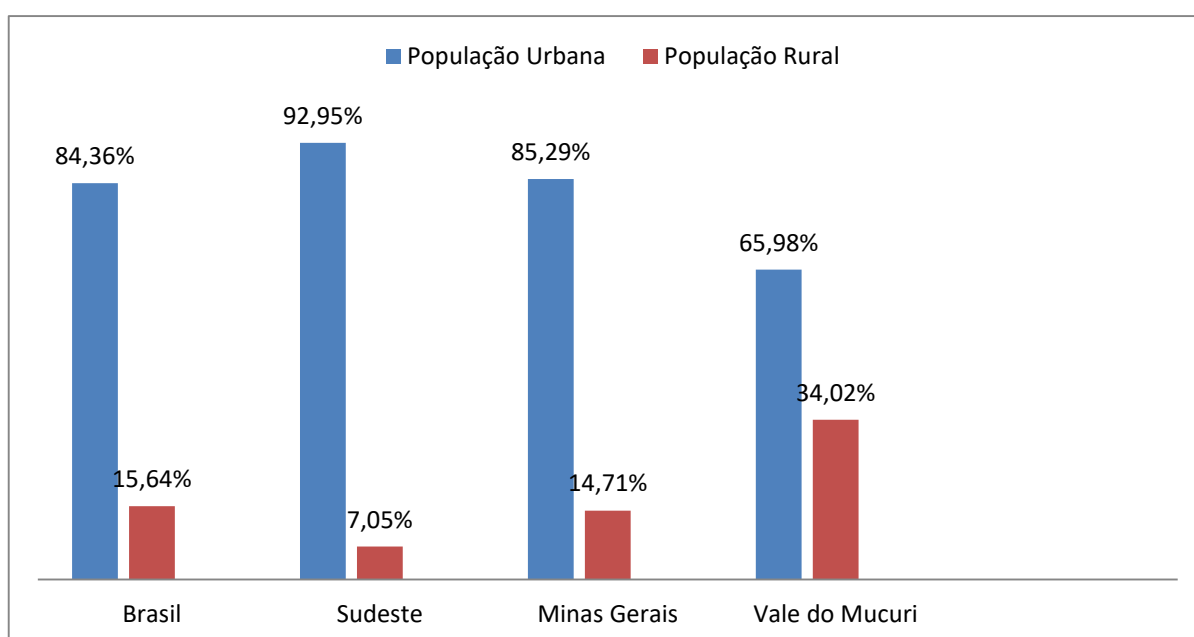


Gráfico 1 – Composição da População Urbana e Rural na Microrregião Noroeste do Vale do Mucuri em 2010. Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2013

Nesse contexto, Itaipé assim como os outros municípios do noroeste do Vale do Mucuri apresentam uma forte demanda por políticas públicas destinadas ao povo camponês já que eles são a grande maioria e tem mostrado o cuidado e o cultivo com a terra. A demanda é por uma educação de qualidade, ligada à realidade de tantos educandos que se deslocam até a sede de Itaipé de dezenas de comunidades rurais e que, na maioria das vezes, tem sua cultura local negada e não conseguem uma participação efetiva na escola devido a uma educação descontextualizada de seus costumes, de sua história. Nas escolas urbanas do município em que 75% de seus alunos são do campo, as atividades pedagógicas, na maioria das vezes, não conseguem interagir com os mesmos e a prova disso são notas muito baixas, falta de interesse, desmotivação...

Mesmo com a maioria dos habitantes sendo e vivendo do campo observo em algumas conversas na reunião de pais, de maneira informal, ou mesmo na sala de aula que o que vem da cidade é melhor: a escola, os produtos industrializados, a música, o trabalho, que aliado à falta de perspectivas de melhoria das condições de vida no campo, vem promovendo um grande fluxo migratório para outras regiões a procura de trabalho tanto no campo quanto nas cidades. Também faz parte da Educação do Campo a luta por políticas públicas que ofereça melhores condições de vida aos trabalhadores do campo. Caldart (2004) afirma que:

A Educação do Campo defende a superação da antinomia rural e urbana e da visão predominante de que o moderno e mais avançado é sempre o urbano, e que a tendência de progresso de uma localidade se mede pela diminuição de sua população rural. Existe toda uma outra matriz de pensamento, com a qual nos identificamos, que busca construir um outro olhar para esta relação: campo e cidade vistos dentro do princípio da igualdade social e da diversidade cultural. Está incluída neste debate a necessidade de rever a forma arbitrária atual de classificação da população e dos municípios como urbanos ou rurais; ele dá uma falsa visão do significado da população do campo em nosso país, e tem servido como justificativa para a ausência de políticas públicas destinadas a ela. (Caldart, 2004, p.16).

CAPÍTULO II - OS DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO

A proposta de Educação do Campo aponta para uma diversidade de povos – Agricultores Familiares, Indígenas, Assentados, educadores e educandos do Movimento Sem-Terra, Movimento dos Atingidos por Barragens, Comissão Pastoral da Terra, Quilombolas e Associação de Assalariados Temporários que lutam por uma educação pública e de qualidade, não aquela que produz somente resultado, mas que tem como efeito a promoção de mudanças sociais, e que valorize o campo como espaço de reprodução da vida humana, um lugar de diálogo entre diversidades e que abrange várias concepções de educação. Entendo que o campo precisa de políticas públicas capazes de impulsionar o desenvolvimento econômico e educacional e de promover a inclusão social de seus sujeitos a fim de garantir condições de permanência no campo com dignidade, trabalho, cultura.

Em contrapartida percebo que os modos de articulação e coordenação das ações entre atores diferentes e desiguais que são ligados ao aparato governamental estão mais interessados no campo do agronegócio do que no campo que sonhamos.

A pesquisa de Antunes-Rocha (2004) aponta que a cidade é tida historicamente como o local das grandes possibilidades e do desenvolvimento e, por isso, apresenta o discurso de que o que é bom, moderno e avançado está na cidade, ao passo que o que é atrasado está no campo, desvalorizando o saber camponês, seu modo de vida, suas origens enraizadas no amor a terra. É um discurso perigoso à medida que se torna senso comum, natural e inquestionável. Nem sempre percebemos os efeitos ideológicos desses discursos na sociedade. A escola pode contribuir no sentido de propiciar aos educandos a percepção e criticidade desses efeitos. Meurer (2002, p.29) considera que:

A ideologia perpassa nossas práticas discursivas e práticas sociais, e está implícita nas formas de ver, pensar, compreender, recriar ou desafiar e mudar maneiras de falar e agir. E, se alguém se torna consciente de que um determinado aspecto do senso comum, daquilo que parece natural, sustenta desigualdades de poder em detrimento de si próprio/a, aquele aspecto deixa de ser senso comum e pode perder a potencialidade de sustentar desigualdades de poder, isto é, de funcionar ideologicamente.

Nesse sentido, vemos que algumas práticas discursivas dos educadores e educadoras podem influenciar e contribuir dentro da própria linguagem com

atividades educacionais que incomodem a estrutura dominante, que faça da escola um espaço de construção coletiva do conhecimento, que valorize os saberes de cada cidadão. Que não mascare a realidade, mas que integre as pessoas à sociedade com o saber criticar e transformar o meio em que vivem.

O discurso capitalista conformador está tão enraizado no modo de ver e agir da sociedade que pode parecer mais cômodo continuar do jeito que está do que vivenciar um novo projeto de aprendizado. O desafio posto, conforme adverte Ferreira (1993) é “se devemos educar para a competitividade, valor básico do sistema capitalista, ou se devemos estimular nos jovens outras formas de proceder”. (p.10).

2.1 - A Educação como valorização das raízes dos sujeitos do Campo

O curso de Especialização em Educação do Campo tem possibilitado discussões e indagações sobre a importância de discutir e participar de ações que contribuam para a transformação da educação atual oferecida às famílias do campo. Segundo Mazzetto (2003), em seu texto “Políticas públicas e desenvolvimento rural: em busca de novos caminhos”, são apresentadas diretrizes estratégicas para um novo modelo que veio de acordo com a problemática apresentada neste texto. Entre as diretrizes destaca-se:

Reorientar e aprimorar os modelos de educação e de escola rural, incorporando e priorizando elementos das realidades locais, adaptando o calendário a sua dinâmica agrícola, valorizando as suas culturas e os seus ecossistemas, promovendo e fortalecendo o exercício da cidadania e os mecanismos comunitários de solidariedade e adotando uma perspectiva sistêmica emancipadora de educação ambiental. (MAZZETTO, 2003, p. 347)

Não basta ter escolas para atender os educandos do campo, é preciso que as atividades pedagógicas possam ir ao encontro de valores tais como aqueles propostos pelo autor (MAZZETTO, 2003). É, portanto, grande a responsabilidade de promover a diferença no nosso ambiente de trabalho.

Outra questão que tem despertado a atenção diz respeito à importância da reforma agrária para a efetivação da educação do campo. Se dissermos que não há educação do campo sem reforma agrária retoma-se a imagem da terra como fator essencial na produção da vida em seus vários sentidos. Mazzetto (2003) diz

que “a lógica camponesa é de enraizamento cultural (terra para viver, *hábitat*), portanto, agregadora de trabalho e fixadora da mão de obra familiar”, o que permite entender um pouco dos movimentos de luta pela terra que mobilizaram as lutas pela educação do campo e que buscam as origens do camponês, fundamentado no seu *hábitat* como parte essencial da sua existência.

Percebe-se que o sistema educacional tende a discriminar ou desprezar os movimentos de luta das famílias rurais. A prática de uma educação voltada para o campo quer resgatar as experiências de luta dos camponeses e ser a própria discussão e continuidade da vida, daquilo que eles acreditam e vivenciam. Uma escola colada nas origens, na valorização da terra e de sua produção, nas raízes do homem do campo. Não se trata de um discurso exagerado e utópico, mas acredito que as atividades pedagógicas que, de fato, evidenciam e valorizam as vivências de seus educandos ganham na construção do conhecimento.

É importante ressaltar que a efetivação de atividades educacionais mais atentas aos sujeitos do campo é de grande importância, sejam elas em uma Escola Família Agrícola ou em outras escolas. É preciso interrogar, discutir com o sistema capitalista sobre o direito a terra, ao trabalho, à moradia, à valorização do camponês e de suas experiências. Que o estado, segundo Mazzetto (2003, p. 343) deve:

cumprir um papel de facilitador e articulador, o instrumento privilegiado da sociedade para efetivar a democracia e promover a emancipação social, por meio de políticas públicas nas quais seu papel é crucial e insubstituível, desde que exercido no diálogo e no compartilhamento com outros atores da sociedade.

E este papel do estado existe também para efetivar a Constituição de 1988 que assegura o direito à educação a todos os brasileiros, inclusive os moradores do campo. Também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, nº 9394, aprovada em dezembro de 1996 traz dois artigos que citam a Educação Rural e ganharam força na discussão pública. São os artigos 26 e 28 nos seguintes termos:

Art. 26 – Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características e locais da sociedade, da cultura, de economia e da clientela.

Art. 28 – Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas e ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente.

I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II – organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar as fases do ciclo agrícola e as condições climáticas;

III – adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Acredito que foram avanços importantes para a Educação do Campo e, sem dúvida, advindo de muita luta e discussão. No entanto, as escolas rurais do município de Itaipé, MG, apresentam precariedade: falta material didático, estrutura física adequada, formação para professores, que não permitem uma educação de qualidade. Os educandos vão terminar o ensino fundamental e médio nas escolas urbanas, e no mês de novembro, por exemplo, que é tempo de chuva, as salas de aula ficam vazias porque sua maioria são alunos do campo e não podem vir, pois os ônibus não conseguem vencer a lama. Aqui também as condições climáticas deveriam ser consideradas ou simplesmente os educandos do campo levam falta e perdem os conteúdos ficando sempre atrasados em relação aos da cidade. Acontece parecido na época da colheita do café. Percebo que a realidade dos sujeitos do campo, quase sempre, não é levada em consideração, mesmo assegurada em muitos aspectos por lei.

Em contrapartida, acompanho a EFACIL desde o início onde ministro aulas de Literatura e observo o funcionamento da escola e a vida dos educandos no regime de alternância e percebo que a realidade dos sujeitos é levada em consideração e a educação de fato acontece de maneira que todos participem. Tento acompanhar este novo projeto de ensino e aprender a cada dia com ele.

Para a construção de um projeto político educacional do campo deve haver o envolvimento da comunidade, dos professores, inclusive na vida pessoal, com menos desigualdade social, individualismo, desperdício e, sobretudo, acreditar na nossa capacidade de construir o novo. Para tal, a interpretação de algumas atividades pedagógicas dos educadores e educadoras em duas escolas com projetos diferentes, mas que lidam com os sujeitos do campo vai nos ajudar a entender e avançar no aprimoramento das práticas já existentes e na construção de outras.

2.2 - Ética, Cidadania e Educação do Campo

As reflexões trazidas por Nilda Teves Ferreira (1993) sobre os fins da educação e a questão da cidadania junto às questões sobre educação do campo levam a outra discussão: que educadores darão conta dessa educação básica do campo?

Ferreira (1993, p. 05) afirma que “ao transformar o mundo social e natural, o homem transforma a si mesmo, e o objeto último dessa transformação é a supressão de suas carências, quaisquer que sejam”. O educador também está em constante formação quando consegue ouvir e aprender com seus educandos sobre suas práticas e experiências adquiridas na família e na comunidade, de modo que ultrapassem os muros da escola e sejam participantes ativos e transformadores da sociedade. Percebe-se que uma educação ética é aquela que conduz o comportamento da sociedade para a justiça, para a amizade, é aquela que se faz de maneira coletiva.

No município de Itaipé, estado de Minas Gerais, nas escolas públicas urbanas a grande maioria dos alunos é proveniente do campo. No entanto, como educadora, percebo que, na maioria das vezes, as atividades educacionais e os livros didáticos trazem regras e conhecimentos distantes das experiências e da cultura dos educandos do campo, o que tem dificultado em muito o aprendizado. Dialoga-se pouco com o saber camponês, com seu modo de vida, suas origens enraizadas no amor a terra. Um ponto fundamental por mim defendido e que torno a repetir é a tentativa de fazer da escola um espaço de construção coletiva do conhecimento, que valorize os saberes de cada cidadão e que, segundo Paulo Freire (1974), seja uma educação libertadora fundada no saber/fazer, aproveitando as experiências trazidas por cada sujeito. Que na construção de algumas práticas pedagógicas que almejamos e sonhamos, o educador possa se empenhar na promoção da construção coletiva do conhecimento junto aos educandos, suas famílias e experiências de vida e, assim, participarem de um modelo educacional ético, crítico e transformador da realidade em que vivemos.

São muitos os desafios para que se estabeleçam relações de respeito e diálogo com o saber camponês, para que promovamos e participemos de ações que contribuam para a transformação da educação atual oferecida às famílias do campo. Elas têm direito a uma educação pautada nos seus hábitos e experiências porque

também são sujeitos de direitos. Direitos estes, conquistados por meio de lutas dos movimentos sociais: direito à terra, ao trabalho, à igualdade, à cultura, à saúde, à educação e outros. A educação básica não pode fugir disso, ignorar essa realidade.

CAPÍTULO III - ATIVIDADES PEDAGÓGICAS PARA UMA EDUCAÇÃO BÁSICA DO CAMPO

Então, desejosos pela dinamização da escola, que atividades pedagógicas darão conta dessa educação básica do campo? O que chamo de atividades pedagógicas são propostas de trabalho de ensino-aprendizagem e partilha de conhecimentos realizados por educadores e educandos no cotidiano escolar. Miguel Arroyo (1999) chama atenção a respeito do olhar do educador sobre os educandos. Para esse autor, mais do que ensinar a ler e escrever, o professor precisa ver nos alunos alguém que constrói e participa de sua própria história, não simplesmente um aluno a mais, mas um sujeito singular e produtor da vida. Um olhar que, segundo o autor, se perdeu e precisa ser recuperado na educação:

Temos que recuperar o humanismo pedagógico que foi enterrado por uma tecnologia imperativa; que foi enterrado pela burocratização da escola; que foi enterrado nas políticas públicas educativas. O homem, a mulher, a criança no campo tem seu rosto. O professor, a professora também tem seu rosto, seu nome, sua história, sua diversidade de gênero, raça, idade, formação. Também eles são sujeitos em construção. Como professores temos, no meu entender, essa tarefa; tirar a máscara e descobrir a pessoa que está por trás de cada criança, de cada jovem, de cada adulto, conhecer a sua história. (ARROYO, 1999, p.20)

Nesse sentido, os fins da educação serão também pela formação de cidadãos em que educando e educador valorizem a sua história e sejam sujeitos reconhecidos e transformadores da sociedade. Uma educação vinculada com os direitos e com os sujeitos do campo. E, sobretudo, educadores que sejam fiéis aos valores do campo, que resgatem suas experiências de luta e promovam a discussão e continuidade da vida, a valorização das raízes do homem do campo.

Como educadora, percebo que precisamos refletir sobre a ausência das atividades direcionadas a educação popular do campo na escola pública, fazendo dela uma cultura por diversas vezes esquecida. É necessário fazer o estudo de atividades pedagógicas, que é o objeto desta pesquisa, em que as experiências da educação popular no campo são trabalhadas porque fazem parte da vida de muitos educandos, e poder analisar e melhorar as nossas práticas e, ainda, contribuir com outros educadores. Para tal, é necessário o apoio da direção da escola, o envolvimento da comunidade, dos educadores, com menos desigualdade social, individualismo, e acima de tudo, acreditar na nossa capacidade de construir o novo,

de trabalhar, animar e defender os valores culturais que são a riqueza do campo, de recuperar uma visão positiva, digna, realista da imagem do campo.

Arroyo (1999) discursa sobre a importância de se trabalhar no ambiente escolar as matrizes culturais do homem, da mulher do campo; a relação da criança, do homem, da mulher com a terra; a celebração e transmissão da memória coletiva e o predomínio da oralidade. O grande desafio é de envolver os educadores dentro dessa perspectiva de valorização e construção coletiva do saber. Estou certa de que já existem bons trabalhos sendo realizados em nossas escolas, mas que ainda temos muito que avançar na discussão e na observação de outras atividades educacionais que mais se aproximam das questões e dos sujeitos do campo.

A relação das famílias camponesas com a terra possui muita força e é inseparável do seu modo de ser e agir. A escola também pode valorizar e estimular este vínculo com a terra por meio da escuta e troca de experiências de vida, do aprendizado com a cultura de produção de alimentos, da preservação da natureza, das festas para comemorar a colheita, as festas religiosas, acerca do trabalho familiar na terra e sua fonte de sobrevivência, sobre o amor a terra, e tantos outros que são ligados às famílias do campo.

A celebração e transmissão da memória coletiva é outra matriz cultural forte no campo, pois faz memória das lembranças, da história da comunidade, relembram às origens, as festas e outros que guardam viva a identidade do povo camponês. A presença dos contadores de história, por exemplo, no ambiente escolar, traria possibilidades de animação, respeito e admiração aos costumes do outro, atenção, desenvolvimento da oralidade, treino da escrita e produção de seminários, tendo outros educandos como novos contadores de histórias, além de outras possibilidades. O predomínio da oralidade é outro traço cultural e está centrado na transmissão dos saberes, das tradições, passados de pai para filhos por muitas gerações. A escola poderia ser um centro de pesquisa desses saberes e tradições e transformá-los em apresentações de música, dança, receitas, ditados populares, crenças e outros que valorizassem e ampliassem essa transmissão dos saberes por meio da oralidade.

Qual seria, então, a nossa pedagogia que, em diálogo com outras pedagogias, com outros tipos de sujeitos que em muito são excluídos do processo educacional, pudesse mobilizar nossas atividades educacionais? Nesse momento, entende-se que a pedagogia mais adequada seria a de aprender com os

movimentos sociais e com os outros sujeitos, colocar em diálogo esses saberes. Não podemos esperar que os processos de opressão e de discriminação das famílias do campo deixem de ser perversos e cruzar os braços. Ao contrário, não queremos práticas pedagógicas que desumanizem, mas que ajudem a assegurar os direitos.

Não queremos que o processo de Educação do Campo sofra pelo cansaço ou caia no esquecimento, mas que, como afirma Boaventura de Souza Santos (2009), ultrapasse o abismo da inexistência e seja capaz de plantar práticas pedagógicas mais humanas e libertadoras. Nossa expectativa é que o estudo de algumas atividades educacionais ajude os educadores e educadoras no aprimoramento de suas atividades.

3.1 – Atividades pedagógicas sobre o poema de Cora Coralina realizadas pelos educandos da EFACIL e análise

As nossas atividades pedagógicas devem estar a serviço da vida e de suas lutas, seja por terra, trabalho, dignidade, conhecimento e outros. E todos os dias, em nossas escolas, são trazidos conhecimentos ricos em lutas, cultura, em alegria e que imploram para ser acolhidos e valorizados. A proposta é deixar de colher somente os conhecimentos que outros plantaram e que já são reconhecidos e repetidos e começar a plantar e colher conhecimentos que valorizem o que está oculto e marginalizado em nossas escolas e sociedade já por muito tempo.

Caldart (2000) afirma que o campo no Brasil está em movimento e que a sociedade já olha o campo e seus sujeitos de forma diferente e que uma nova prática escolar está sendo gestada neste movimento:

Nossa sensibilidade de educadores já nos permitiu perceber que existe algo diferente e que pode ser uma alternativa em nosso horizonte de trabalhador da educação, de ser humano. Precisamos aprender a potencializar os elementos presentes nas diversas experiências, e transformá-los em um movimento consciente de construção das escolas do campo como escolas que ajudem neste processo mais amplo de humanização, e de reafirmação dos povos do campo como sujeitos de seu próprio destino, de sua própria história. (CALDART, 2000, p. 24)

As atividades pedagógicas como possibilidade de fortalecimento da educação do campo analisadas nesta pesquisa quer perceber e mostrar esse “algo diferente” exposto por Caldart (2000) e que como trabalhadores da educação

possamos contribuir neste processo dinâmico da prática escolar. Os textos trabalhados nas atividades da EFACIL e da escola pública foram sugeridos por mim; sendo que na EFA eu também elaborei as atividades e na escola pública elas foram planejadas por dois educadores.

SÍNTESE DO PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS				
EFACIL				
AULAS	CONTEÚDO	ATIVIDADE DESENVOLVIDA	OBJETIVOS	AValiação
Cinco aulas	Biografia e poema "Saber Viver" de Cora Coralina	Organização da turma em círculo e discussão sobre quem foi Cora Coralina e se alguém já conhecia; Leitura oral e participativa dos textos; Discussão da linguagem e do vocabulário e interpretação oral do poema; Ligação do poema à realidade do educando.	Incentivar a leitura oral e a participação coletiva; Interpretar o poema e estudar linguagem e vocabulário; Partilhar as vivências cotidianas ligadas à cultura, ao trabalho, a produção do homem e da mulher do campo; Apresentar os poemas escritos para partilhar o conhecimento.	Leitura individual e coletiva; Interpretação oral do poema; Partilha das experiências que vão de encontro ao texto; Produção escrita de um poema; Apresentação do trabalho escrito.

Tabela 1 - Síntese do Planejamento das Atividades Pedagógicas da EFACIL.

3.2 – Desenvolvimento das atividades pedagógicas

Começamos a aula posicionando a turma em círculo para a discussão acerca das atividades serem mais participativa, e perguntando se já haviam escutado ou estudado algo sobre Cora Coralina. A maioria não conhecia a autora, então, com a ajuda do data show e da internet fizemos a leitura oral de sua Biografia com intuito de aproximar sua obra da realidade dos educandos da EFACIL:

Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins do Guimarães Peixoto Brêtas, nasceu em 20/08/1889 e morreu em 10/04/1985, é a grande poetisa do Estado de Goiás. Se achava mais doceira do que escritora. Considerava os doces cristalizados de caju, abóbora, figo e laranja, que encantavam os vizinhos e amigos, obras melhores do que os poemas escritos em folhas de caderno. Só em 1965, aos 75 anos, ela conseguiu realizar o sonho de publicar o primeiro livro, Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais. Ana Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas viveu por muito tempo de sua produção de doces, até ficar conhecida como Cora Coralina, a primeira mulher a ganhar o Prêmio Juca Pato, em 1983, com o livro Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha. Nascida em Goiás, Cora tornou-se doceira para sustentar os quatro filhos depois que o marido, o advogado paulista Cantídio Brêtas, morreu, em 1934. “Mamãe foi uma mulher à frente do seu tempo”, diz a filha caçula, Vicência Brêtas Tahan, autora do livro biográfico Cora Coragem Cora Poesia. “Dona de uma mente aberta, sempre nos passou a lição de coragem e otimismo.” Aos 70 anos, decidiu aprender datilografia para preparar suas poesias e enviá-las aos editores. Cora, que começou a escrever poemas e contos aos 14 anos, cursou apenas até a terceira série do primário. Nos últimos anos de vida, quando sua obra foi reconhecida, participou de conferências, homenagens e programas de televisão, e não perdeu a doçura da alma de escritora e confeitadeira. http://pensador.uol.com.br/autor/cora_coralina/biografia/

Durante a leitura foi comentado o uso do vocabulário “pseudônimo e cotidiano”, por exemplo. Depois da leitura, a turma achou interessante a primeira profissão de Cora Coralina que era de doceira, um trabalho muito praticado por suas famílias nas comunidades, e que como Cora, também precisam trabalhar fazendo doces, pães, roscas, bolos e outros para sobreviver. E como ela conseguiu publicar livros tendo estudado apenas até a terceira série do primário. Daí a importância de insistir e lutar pelos nossos sonhos. Ainda disseram que na comunidade existem poetas que não tem escolaridade, mas que recitam e tocam no violão seus poemas com muita propriedade. A turma participava atenta com os comentários em comum. Logo após, fizemos a leitura participativa do poema de modo que cada um leu um verso, depois todos leram juntos.

Poema “Saber Viver” (Cora Coralina)

Não sei... se a vida é curta
ou longa demais para nós,
mas, sei que nada
do que vivemos tem sentido,
se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:
o colo que acolhe,
o braço que envolve,
a palavra que conforta,
o silêncio que respeita,
a alegria que contagia,
a lágrima que corre,
o olhar que acaricia,
o desejo que sacia,
o amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,
é o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela
seja nem curta, nem longa demais,
mas que seja intensa, verdadeira,
pura enquanto ela durar...

Após a leitura do poema fizemos uma discussão coletiva em que os educandos responderam e compartilharam a seguinte questão: o que tenho feito para tocar o coração das pessoas na minha comunidade?

Depois de um momento de reflexão, alguns educandos socializaram, por exemplo, dizendo sobre o trabalho em família na roça, que inclusive todos vão ajudar a vender na feira, que quando um adoecer todos ajudam fazendo um chá ou levando até o hospital; se tem uma festa na igreja para arrecadar dinheiro em prol de uma reforma ou para ajudar alguém todos participam com animação; também nos

velórios toda a comunidade se faz presente; entre outras coisas que não consegui anotar. Quando partimos de exemplos que os sujeitos dominam a aula fica participativa e todos animados para realizar as atividades. Assim, quando mostrei a parte que eles não conheciam que eram os poemas, a curiosidade já havia sido despertada de uma forma muito próxima da realidade deles. No decorrer das aulas fui percebendo que o conhecimento é construído de forma coletiva, aproveitando as experiências de vida dos sujeitos para depois aprofundar naquilo que não lhes são familiar. E isto não é tão simples quanto parece. A educação que presenciamos nas escolas públicas é conteudista e preocupada com as avaliações externas, o que não deixa de ser importante, mas não tem alcançado a criatividade, a partilha de conhecimentos e a participação dos nossos educandos. CALDART (2000, p.89) afirma que o educador precisa tornar as práticas mais educativas e humanizadoras e precisa também “construir um jeito de educar que ensine seus educandos (sejam crianças, jovens, adultos...) a se ver nestes processos formadores, a se ver como sujeitos que podem transformar sua realidade...”



Imagem 1 - educandos organizados em círculo e participando da leitura e discussão do poema na EFACIL. Fonte: Arquivo Pessoal

Atividade desenvolvida: produção de poema: escreva alguns versos sobre gestos que promovem solidariedade e mostrem o cuidado com as pessoas na sua comunidade.

Poemas produzidos por alunos da EFACIL

Minha Comunidade

Sempre escuto bom dia logo ao acordar,
Tomo café e vou observar.
Vejo o dia inteiro o pessoal cooperar,
Desde um simples abraço até um posso te ajudar.

É sempre assim, falo por mim:
Quem não quer morar neste lugar?
As pessoas são gentis, mas elas tem pavis!
As brigas acontecem, sempre acontecem,
Mas com o tempo tudo passa.

Se quiser conhecer, pode vir de ônibus
Eles não são bons, mas é melhor que andar à pé.
Tratamos com carinho todos os visitantes,
Os bens vindos, os maus e os irritantes.
Esta é minha comunidade
Com todos os seus defeitos sempre dá seu jeito,
Não troco por nada!

(Poema original digitalizado em Anexo)



Imagem 2 - Produção das atividades. Fonte: Arquivo Pessoal
A Solidariedade na Minha Comunidade

Na minha comunidade tem muita gente boa
A maioria trabalha, mas tem os que ficam à toa
No final de semana nos encontramos no boteco
Às vezes não é para beber e sim para ficar mais perto.

Lá também tem o que chamamos de serrote
Bebe a custa dos outros, mas não paga nem um copo.

Quando alguém adocece, logo chega a vizinhança
Inteira, não importa se é domingo ou em
Plena segunda-feira.

Mas se o coitado morre a família fica desorientada,
logo chega muita gente e ela se sente conformada.

O pior é quando o defunto é da família de crente,
pois o povo não fica no velório se não tiver aguardente
pra gente contar piada perto da fogueira quente.

Lá tem um pau de gameleira, eta lugar assombrado
fica perto do cemitério, a noite não passo lá nem amarrado.

Tem um deficiente mental, o nome dele é Mané,
Homem de bom coração eu sei que ele é,
Mas além de não tomar banho, só vive com
bicho no pé, mas em todo lugar que chega é recebido com um café.

Meu lugar é simplesinho, pode até ir lá conhecer
Tenho certeza que todos terão prazer em te receber.

(Poema original digitalizado em Anexo)

Rio que lindo
corre tranquilamente
para desaguar.

Rio que de lá tiro o meu sustento
Que passa lentamente
para que os animais
Possam utilizar a água
matando a sua sede.

Rio que dá vida
as pessoas e os animais
E molha a horta
dando orgulho aqueles
Que passam por lá e podem-se utilizar.

Rio que corre devagar
para desaguar no mar
Até o fim ele chegar.

(Poema original digitalizado em Anexo)

O primeiro texto escrito com o nome de “Minha comunidade” mostra um carinho todo especial pelo lugar: “Esta é minha comunidade / com todos os seus defeitos sempre dá seu jeito / Não troco por nada”. É importante lembrar que muitos dos jovens do campo aqui de Itaipé vão para as grandes cidades como São Paulo e Belo Horizonte para trabalharem no corte da cana de açúcar e na construção civil como ajudante de pedreiro. Em muitas famílias do campo os maridos vivem esta realidade, vendo seus entes queridos três vezes por ano. E quando a gente escuta de um educando algo que vai contra essa realidade vemos que a educação do campo está aos poucos plantando sua semente a fim de preparar estes sujeitos para cuidar e investir no campo. A boa acolhida também é visível no poema – “Tratamos com carinho todos os visitantes” – que, sem dúvida, é marca do meio rural. Faz-se presente o bom e velho café, que além de ser uma bebida tradicional, é muito cultivado e comercializado na região. Mostra a dificuldade com o transporte – “eles

não são bons, mas é melhor que andar a pé”. E por fim, observo dois versos que representam gestos de solidariedade e companheirismo na comunidade – “Vejo o dia inteiro o pessoal cooperar / desde um simples abraço até um posso te ajudar.” Os processos educativos acontecem nesses versos que mostram a vivência cotidiana, o trabalho, a produção, a família:

A escola se vincula ao modo da produção. Mas a escola se vincula, sobretudo, aos processos culturais inerentes aos processos produtivos e sociais. A escola se vincula, sobretudo, às matrizes culturais do povo, da comunidade, às matrizes culturais do campo. Se vincula às mudanças culturais que o movimento social provoca. (ARROYO, 1999, p.22)

O segundo texto escolhido que é “A solidariedade na minha comunidade” traz o cotidiano das pessoas de uma forma muito engraçada e interessante: “Lá tem um pau de gameleira, eta lugar assombrado / fica perto do cemitério, a noite não passo lá nem amarrado”. Lembra as histórias de assombração muito presentes na região. Outro costume muito praticado se faz presente nos versos “pois o povo não fica no velório se não tiver aguardente / pra gente contar piada perto da fogueira quente”. Vemos que esta atividade consegue retomar vários costumes das famílias do campo e isso faz com que haja uma afirmação daquilo que os educandos são, de onde eles pertencem, dos seus hábitos. Segundo ARROYO (1999, p.21), “os processos educativos passam pelo conjunto de experiências, de vivências que o ser humano tem ao longo de sua vida. E a experiência que nos marca a todos, é a experiência do trabalho, da produção, o ato produtivo que nos produz como pessoas”.

O terceiro texto recebeu o nome de “Comunidade do Rio Manso”, que é onde o educando mora, a uns 12 km da sede de Itaipé. Em seus versos citou a importância do rio para o trabalho das famílias: “Rio que dá vida / as pessoas e os animais / e molha a horta / Rio que de lá tiro o meu sustento”. Este educando produz e vende hortaliças, banana, feijão e outros produtos agrícolas na feira junto com seus pais. E principalmente para os sujeitos que sobrevivem da horta, a água tem um grande valor, sem ela não há horta, sem ela não há vida: “Rio que lindo”. ARROYO (1999, p. 21) afirma que escola e produção não se separam, que na medida em que o ser humano produz um alimento ele está produzindo a si mesmo: “A terra é mais do que terra. A produção é mais do que produção. Por quê? Porque ela produz a gente. A cultura da roça, do milho, é mais do que cultura. É cultivo do ser humano. É o processo em que ele se constitui sujeito cultural.”

Após a produção dos poemas, ao final de três aulas, os educandos foram para o pátio central da EFACIL e fizeram um círculo. Para mim, foi como se fosse a conclusão de uma proposta de trabalho que falava de vivência, costumes e solidariedade na comunidade.



Imagem 3 – Oração que precede as alimentações. Fonte: Arquivo Pessoal

Este círculo foi o momento de silenciar e agradecer a Deus e a todos pelo bom dia de estudo e conhecimento partilhados e adquiridos e pelo alimento que estavam prestes a receber, que seria o café da tarde, especificamente neste dia foi batata doce cozida, café e chá, alimentos produzidos por suas famílias. Ao poucos eu vou conhecendo e aprendendo que quem faz a escola do campo são os próprios sujeitos do movimento e que como educadora preciso entender a proposta pedagógica e planejar atividades próprias do cotidiano escolar. Caldart (2002, p.91) afirma que “É preciso aprender da sabedoria do povo; é preciso sempre aprender a ser educador; é preciso jamais deixar de ser educando...”

Na outra semana tivemos mais duas aulas para apresentação das poesias. Eles fizeram a leitura de forma oral e depois falaram um pouco sobre a produção. A turma participou de forma calorosa.

3.3 – Atividades pedagógicas sobre o poema de Cora Coralina realizada pelos educandos da Escola Pública e análise

O poema “Saber viver”, de Cora Coralina, também foi trabalhado nesta turma e pude observar o desenvolvimento das atividades. Sugeri este poema e pedi a educadora que planejasse a aula do jeito que ela costumava fazer.

SÍNTESE DO PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS				
ESCOLA PÚBLICA				
AULAS	CONTEÚDO	ATIVIDADE DESENVOLVIDA	OBJETIVOS	AValiação
Duas aulas	Biografia e poema “Saber Viver” de Cora Coralina.	Leitura oral do poema feita pela educadora e escuta atenta dos educandos; Explicação sobre a vida da autora; Interpretação oral dos significados do poema.	Desenvolver a opinião dos educandos sobre o que é “saber viver”; Desenvolver a escrita com a produção do poema.	Interpretação oral; Produção escrita de um poema.

Tabela 2 - Síntese do Planejamento das Atividades Pedagógicas da Escola Pública

3.4 – Desenvolvimento das atividades pedagógicas

A educadora fez a leitura do texto e comentou alguns dados sobre a vida da autora, como por exemplo que ela era doceira e sustentava a família, que era de Goiás e publicou seu primeiro livro aos 76 anos. Foi feita a pergunta para os educandos de como seria saber viver. E eles responderam através da produção de poemas. A foto abaixo mostra uma sala de aula bem cheia, com trinta e cinco alunos, que faz parte da realidade da escola pública. É uma observação importante visto que na EFACIL as turmas estudadas tem no máximo vinte e cinco alunos, e isso contribui com a aprendizagem dos educandos.



Imagem 4 – Educandos da Escola Pública em fila tradicional, produzindo as atividades. Num segundo momento formaram duplas para lerem o trabalho do colega. Fonte: Arquivo Pessoal

3.4.1 – Primeiro poema produzido – “Saber viver”

Para mim, saber viver é amar
 a todos sem exceção
 Respeitar a todos
 Viver com compaixão.

Saber viver é aproveitar as oportunidades
 Que a vida nos dá.
 Fazer tudo com vontade sem parar.
 tomar atitudes e ter responsabilidades.

Fazer tudo com carinho,
 honrar pai e mãe.
 Amarmos sempre de verdade
 Enfrentar a vida com coragem.

Trabalhar com honestidade
 ter determinação.
 Saber perdoar e
 viver em comunhão.

(Poema original digitalizado em Anexo)

Este poema apresenta bonitas palavras sobre o que é saber viver, no entanto não consegui identificar nele um sujeito do campo. Ele fala de valores importantes na vida de todo ser humano que é “respeitar a todos”, “tomar atitudes e ter responsabilidades”, “honrar pai e mãe”, “trabalhar com honestidade”..., ele exagera um pouco quando diz que saber viver é “fazer tudo com vontade sem parar”, pois sabemos que nem tudo que se tem vontade pode ser feito. O educador precisa contextualizar e direcionar a atividade de modo que valorize no educando sua cultura, aquilo que ele tem de melhor, suas experiências, seus sonhos. Acho que faltou um pouco mais de identidade na produção do poema; como educadores precisamos aprender a discutir os valores da educação urbana sem negar ou esquecer os da educação do campo. É o que tenho procurado nesta pesquisa: uma educadora de uma escola pública urbana, mas com a maioria dos alunos sendo do campo, algo não está certo no nosso modo de conduzir as atividades. CALDART (2004) afirma que a cultura dá as referências para o modo de educar e formar o ser humano:

São os processos culturais que ao mesmo tempo expressam e garantem a própria ação educativa do trabalho, das relações sociais, das lutas sociais. A Educação do Campo precisa recuperar a tradição pedagógica que nos ajuda a pensar a cultura como matriz formadora, que nos ensina que a educação é uma dimensão da cultura, que a cultura é uma dimensão do processo histórico, e que processos pedagógicos são constituídos desde uma cultura e participam de sua reprodução e transformação simultaneamente. (CALDART, 2004, p. 21)

Quero reforçar que esta pesquisa não quer julgar qual trabalho pedagógico é melhor, mas como podemos conduzir as nossas atividades de forma que valorize o histórico e a cultura de nossos educandos.

3.4.2 – Segundo poema produzido - “A vida”

O próximo poema é bem parecido com o anterior, ele fala que “O amor é que promove mudanças em nossa vida”. Ele repetiu muitas palavras do texto de Cora Coralina, talvez por falta de motivação e criatividade.

A vida é o amor puro e sincero
que Deus nos deu.
Do que vivemos, do que queremos e
queremos o bem estar da vida.

Por que amar a vida?
Porque ela é curta e passageira.
Tudo o que vivemos tem sentido
Na mente das pessoas.

Seja nem curta, nem longa,
Mas que seja intensa... Verdadeira.
É o que dá sentido a vida
É o que faz com que ela dure.

Enquanto durar
Que seja intensa e pura.
A vida é um colo que acolhe.
O amor é que promove
Mudanças em nossa vida.

(Poema original digitalizado em Anexo)

O adolescente está com a mente pronta para captar muitas informações ao mesmo tempo, seja dos meios de comunicação, da escola, da igreja, dos colegas, da família..., mas quando pedimos para produzir um texto ele não sabe o que escrever, ele não consegue organizar as informações. Percebo que se não investigamos aquilo que é próprio do seu cotidiano e de suas famílias, o que ele de fato vivencia e não apenas escuta, não conseguimos alcançar seu interesse e participação. E assim, ligados experiência e novos conteúdos podem propiciar um

melhor entendimento das atividades. Segundo ARROYO (1999, p.20), a escola não deve tratar o aluno simplesmente como alguém que escuta o que o educador fala:

Não tatem o aluno como número, não tratem o aluno como aluno, tratem o aluno como sujeitos, sujeitos que trazem história, que tem diferenças. É diferente ser mulher e homem, negro e branco. É diferente ser criança, do que ser adolescente, jovem. Tratar o aluno como gente, no seu tempo, na sua idade, no seu gênero, na sua raça, na sua história, na sua diversidade, no seu momento de formação humana. Nossa escola nivelou todo o mundo pela média, se passa da média, aprova, se não passa da média, reprova, e repete.

Percebo que para valorizar e desenvolver as atividades dos educandos precisamos como educadores descobrir a pessoa que está por trás de cada um, conhecer a sua história, valorizar as pessoas, respeitar suas diversidades, seus direitos, vincular a educação com os sujeitos.

3.4.3 – Terceiro poema produzido “O que é saber viver para você?”

Para mim, saber viver é...

Viver o nosso presente como se fosse o último momento de nossas vidas, porque o passado não pode voltar.

Correr em busca do que queremos sem olhar para trás e sempre olhar para frente.

Lutar por um mundo sem poluição, violência, discriminação.

Passar por cima de todas as barreiras, ultrapassar todos os obstáculos para alcançar o impossível.

Aproveitar todas as oportunidades que a vida nos dá.

Viver o agora porque a vida é uma só.

Saber respeitar as pessoas, aprender a lidar com as dificuldades da vida e mostrar para as pessoas que nós não desistimos nunca.

(Poema original digitalizado em Anexo)

Este terceiro poema do educando da escola pública aprofundou a atividade um pouco mais que os outros. Ele mostrou que saber viver é também “Lutar por um mundo sem poluição, violência, discriminação”. Que é importante

“aprender a lidar com as dificuldades da vida”. É fundamental que um jovem tenha consciência de que a poluição, a violência e a discriminação são questões graves para a sociedade e que prejudicam a vida. Mesmo assim, ainda não consigo reconhecer a presença de um sujeito do campo no texto, com seus anseios, sua luta, seu cuidado com a terra, com o alimento que dela é colhido, com a vida que resiste no campo. A escola não é o único lugar onde nos educamos, os processos educativos acontecem na família, no trabalho, na vivência do dia a dia, na produção, e segundo ARROYO (1999), cabe a escola interpretar esses processos educativos que acontecem fora:

Organizar esses processos educativos em um projeto pedagógico, organizar o conhecimento, socializar o saber e a cultura historicamente produzidos, dar instrumentos científico- técnicos para interpretar e intervir na realidade, na produção e na sociedade. A escola, os saberes escolares são um direito do homem e da mulher do campo, porém esses saberes escolares tem que estar em sintonia com os saberes, os valores, a cultura e a formação que acontece fora da escola. (ARROYO, 1999, p. 22)

3.4.4 – Atividades pedagógicas culturais dos educandos da EFACIL e da Escola Pública

Numa EFA, a cultura nunca deve ser dissociada do dia a dia e de suas práticas pedagógicas e nesse aspecto a cultura popular atua como um elemento de grande importância ao aproximar os jovens das brincadeiras, histórias e canções que animavam e ainda continuam a animar as festas e eventos populares pelo interior do Brasil. Segundo ARROYO (1999), todos os gestos que acompanham a Educação do Campo são educativos, quando se reúnem “se fala mais com gestos do que com palavras. Isto é uma característica muito forte do movimento social do campo. Vocês falam de mil maneiras, falam com muitas linguagens, com palavras, com rituais e com sua mística maravilhosa”, ele chama esses momentos de “Pedagogia dos Gestos, Pedagogia do Fazer...”

Em abril deste ano, tivemos o privilégio de contar com a presença do cantor, violeiro e educador popular Sebastião Farinhada, ou simplesmente Farinhada como é mais conhecido. Com o seu violão, uma voz clara e potente, o sorriso sempre aberto e um repertório recheado por canções que retratam a vida do

povo camponês, Farinhada se apresenta com muito orgulho da sua pele e do seu povo.



Imagem 5 - Noite Cultural na EFACIL. Fonte: Arquivo Pessoal

A Noite Cultural teve início com o jantar e tão logo a louça foi lavada, iniciamos de fato os trabalhos com a apresentação dos convidados uma vez que contamos também com a presença de Deliene, parceira de longas datas das EFAs da Zona da Mata mineira e membro do Grupo de Extensão e Pesquisa da Agricultura Familiar (GEPAF) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), que veio acompanhada de suas duas filhas.

Após as apresentações feitas pelo professor de Arte e Sociologia, Farinhada fez uma breve apresentação sobre o seu trabalho junto aos movimentos populares de luta pela terra, a água, a Educação do Campo, a Agroecologia e pela Cultura Popular e em seguida deu início à grande roda: “e faz a roda tido lê lê, e abre a roda tido lá lá...” e como toda boa brincadeira de roda a falta de ensaio não foi barreira para que todos participassem com alegria e desenvoltura.



Imagem 06 - Noite Cultural na EFACIL. Fonte: Arquivo Pessoal

Como podemos observar a imagem acima, além da música e da roda, houve também a preocupação em ornamentar o espaço com elementos ligados à Agricultura Familiar: o bambu, o milho, a abóbora, o latão de leite, e as ferramentas de trabalho. Ao longo de aproximadamente duas horas, Farinhada comandou a brincadeira alternando sua apresentação ora com músicas temáticas sobre a Educação do Campo, ora com músicas da cultura popular e como não poderia faltar numa escola de Educação do Campo, um forrózinho bem animado.

Após muita música, dança e alegria, os presentes foram convidados a novamente formar uma roda, desta vez para um bate papo sobre a noite, o evento e a cultura popular em que vários estudantes se manifestaram e debateram sobre a importância de momentos como aquele na escola. Dessa noite cultural, também participaram outros educadores, a cozinheira da escola, seus filhos e membros da EFACIL.

Hoje, seis meses após o acontecido, vários dos estudantes ainda se lembram daquela noite como um dos melhores momentos vividos por eles na escola.



Imagem 07 - Noite Cultural na EFACIL. Fonte: Arquivo Pessoal

Nas escolas urbanas de Itaipé, especificamente a que estou pesquisando, se dedica pouco às atividades culturais, a preocupação maior é em dar conta do conteúdo específico de cada disciplina; o que não entendemos ainda é que a atividade cultural pode ser uma prática dos conteúdos e os educandos apresentarem um melhor rendimento nos estudos. ARROYO (1999, p.25) faz um alerta sobre o currículo urbano:

Cuidado, há muitos saberes escolares nos programas que são inúteis! Totalmente inúteis, alienantes, que não acrescentam nada em termos de democratizar os saberes socialmente construídos. A grande pergunta que vocês vão ter que se colocar é esta: que saberes sociais são de direito de todo cidadão no campo ou na cidade?

A foto abaixo é uma apresentação teatral sobre a escolha que podemos fazer entre o bem e o mal. Os anjos do mal foram representados pelas drogas, prostituição, alcoolismo. E eles não permitiam que o anjo do bem, representado pelo branco da paz, alcançasse uma jovem que estava desiludida da vida.



Imagem 08 - Peça Teatral Fonte: Arquivo Pessoal

Foi realizado o Ministério Público Itinerante no Mercado de Itaipé e a escola foi convidada a participar com a apresentação de uma atividade cultural. A professora de Educação Física já havia selecionado um grupo de meninas que se preparavam quando era necessário. Fui convidada a ajudar nos ensaios e observei que as educandas moravam na área urbana, então perguntei por que não havia nenhuma moça do campo na atividade, já que a maioria dos estudantes da escola são da área rural? A resposta foi porque tinham vergonha, não queriam, não gostavam. Então, fui investigar nas minhas turmas. Elas responderam que nunca foram convidadas, a não ser quando era para festa junina, no ensaio de quadrilha. Mesmo com o ensaio em andamento consegui incluir duas meninas no grupo que ficaram muito animadas. Acho, que de maneira inconsciente, provocamos a exclusão dentro da própria escola. Essa ideia defendida por muitos de que o campo é mais atrasado, é o lugar do Jeca, do menino da roupa rasgada, do estudante que não aprende, refleti na atitude de muitas pessoas na sociedade, inclusive na escola. FERNANDES (1998), CERIOLI (1998) E CALDART(1998) afirmam:

Precisamos refletir sobre o sentido da inserção do campo no conjunto da sociedade, para quebrar com o fetiche que coloca o camponês como algo a parte, fora do comum, fora da totalidade definida pela representação urbana. Precisamos romper com esta visão unilateral, dicotômica (moderno-atrasado) que gera dominação, e afirmar o caráter mútuo da dependência: um (rural ou urbano; campo ou cidade) não sobrevive sem o outro. A sociedade atual tende a esquecer o que é rejeitado, o que não é dominante. Na sua lógica só sobrevive a versão dos vencedores.



Imagem 15 - Apresentação de Dança. Fonte: Arquivo Pessoal

CAPÍTULO IV – ANÁLISE COMPARATIVA DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS DA EFACIL E DA ESCOLA PÚBLICA

As atividades pedagógicas desenvolvidas na EFACIL e na Escola Pública demonstraram um pouco do cotidiano escolar de ambas. Sabemos que a educação é um direito fundamental na vida dos sujeitos, seja no campo ou na cidade, e que como educadores precisamos estar atentos acerca da origem dos nossos educandos, suas práticas culturais, seu trabalho, sua produção, que Arroyo (1999) caracterizou como as matrizes culturais do homem e da mulher. Percebemos que a Educação do Campo representada pela EFACIL está desenvolvendo atividades pedagógicas que se aproximam mais da vivência dos sujeitos, que lhes permite entender e participar com mais eficácia do processo educacional. Eles aprendem os conteúdos básicos do currículo em comum acordo com a discussão de suas raízes, de sua realidade, e como afirma Caldart (2000), eles conseguem se ver nestes processos formadores e assim transformar a sua realidade. Vimos que a Escola Urbana não tem se preocupado em tratar seus educandos do campo como sujeitos históricos, repletos de valores culturais e de luta, e que muitas vezes são tratados como um número a mais na sala de aula. Como educadora, essa realidade me incomoda muito porque também faço parte dela, também percebo que algo não vai bem com a aprendizagem dos nossos educandos, que a falta de interesse, o déficit de atenção, as notas muito baixas, as reprovações, são conseqüências de um projeto educacional que não prioriza as realidades individuais, no caso desta pesquisa a realidade dos sujeitos do campo.

As tabelas que trazem o planejamento das atividades pedagógicas são apresentadas de maneira bem distintas: na EFACIL, a participação oral na partilha de experiências é muito valorizada, enquanto na escola pública, a discussão fica na superficialidade, no significado das palavras. Reconheço que a análise por mim apresentada tem dois olhares diferentes visto que na EFACIL as atividades desenvolvidas fizeram parte da minha prática pedagógica enquanto educadora, ao passo que na escola pública eu fui apenas observadora. Mas, quero deixar claro que, como observadora, pude mostrar com mais fidelidade a realidade vivida na escola pública no que diz respeito aos sujeitos do campo.

Sabemos que o projeto político pedagógico de uma Escola Família Agrícola aqui representada pela EFACIL é muito diferente do projeto da Escola

Pública, tanto que num questionário dirigido a inspetora da Superintendência Regional de Ensino de Teófilo Otoni – MG, Rosane da Silva Loiola Santos, em 03/09/2014, constava o seguinte:

- 1 – Você acredita que as escolas urbanas oferecem condições adequadas à formação educacional dos jovens camponeses?
- 2 – Qual era o seu conhecimento sobre Educação do Campo, Pedagogia da Alternância e Escola Família Agrícola?
- 3 – Como foi a experiência de acompanhar a implantação da EFACIL?

“Eu constato na minha vivência de Inspetor Escolar que as escolas urbanas não oferecem condições adequadas à formação educacional dos jovens camponeses. Por ter sido inspetora escolar, por doze anos, de Escolas Municipais Rurais das redes municipais e estaduais de Minas Gerais, vivenciei as dificuldades e vantagens destas instituições, porém, em nenhuma existiu projetos pedagógicos específicos da Educação do Campo. Sobre a Pedagogia da Alternância, já tinha visto um relatório de experiência da Escola Estadual de Pavão que funcionou em alternância.

Por ser para minha análise, o primeiro processo para autorização de funcionamento da EFACIL, as dificuldades foram muitas, sendo necessários pequenos estudos, discussões coletivas e consultas a Secretaria Estadual de Ensino (SEE) para análise da proposta pedagógica, regimento, calendário, matriz curricular, estágio, impressos escolares, em atendimento ao disposto na legislação vigente.

Colaborar com a implantação de uma escola, que traria inovações, aplicando a Pedagogia da Alternância, com formação média e técnica para alunos do campo foi uma satisfação para mim.

Que experiências relativas à Educação do Campo, num país de extensão territorial como o Brasil, sejam mais divulgadas, valorizando os trabalhos que vem sendo realizados com sucesso, e por conseqüência, preparando melhor os discentes para as novas possibilidades de trabalho na sociedade e no campo.”

A inspetora Rosane reconhece que as escolas urbanas não oferecem condições adequadas à formação educacional dos jovens camponeses. E isso veio de encontro à proposta de atividade pedagógica desenvolvida na escola pública que pesquisei, que está totalmente desvinculada com as vivências dos sujeitos do campo. Como educadora de escola pública percebo que estamos presos ao livro didático, que também tem sua importância, mas que trazem textos e exemplos que não condizem com a nossa realidade de município que tem um maior número de pessoas no campo. Por isso, a Educação do Campo, aqui representada pela EFACIL, é uma proposta que está trazendo esperança num novo projeto de educação que dá voz ao camponês fazendo-o participar mais ativamente do

processo educacional, afirmando-se como sujeitos da terra, sujeitos de direitos. E a valorização do camponês e da terra é a valorização de nós mesmos que também dependemos da terra:

... pertencemos à Terra; somos filhos e filhas da Terra; somos Terra. Daí que homem vem de húmus. Viemos da terra e a ela voltaremos. A Terra não está a nossa frente como algo distinto de nós mesmos. Temos a Terra dentro de nós. Somos a própria Terra que na sua evolução chegou ao estágio de sentimento, de compreensão, de vontade, de responsabilidade e de veneração. Numa palavra: somos a Terra no seu momento de auto-realização e de autoconsciência. (BOFF, 1999, p. 72)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos inserir a discussão sobre o desenvolvimento das atividades pedagógicas na Escola Família Agrícola de Carai, Catuji, Itaipé e Ladainha (EFACIL) e uma Escola Pública urbana como possibilidade de fortalecimento da Educação do Campo no município de Itaipé, Minas Gerais. A proposta procurou evidenciar quais atividades pedagógicas interagem com a realidade e as vivências dos educandos do campo, despertando a participação e a valorização de sua cultura num lugar onde mais da metade da população é camponesa. Iniciamos nosso trabalho revelando a necessidade de uma educação voltada aos valores do campo e dos desafios para vivenciar uma escola colada nas origens, na valorização da terra e de sua produção, nas raízes das famílias do campo, pois acreditamos que as atividades pedagógicas que, de fato, evidenciam e valorizam as vivências de seus educandos ganham na construção do conhecimento.

O desenvolvimento das atividades mostrou uma participação mais contextualizada, mais vivenciada pelos estudantes da EFACIL, enquanto que os da Escola Pública não tiveram motivação para escrever e apenas reproduziram o poema. A análise das tabelas sobre o planejamento das atividades revelou que as duas escolas as organizaram de formas diferentes: enquanto a EFA priorizou a oralidade, a discussão do texto contextualizada com a história de vida dos educandos, a partilha de conhecimento, a produção e apresentação dos trabalhos, a escola pública se conteve com a leitura e a escrita do poema mostrando um conhecimento centrado no conteúdo, desvinculado do aspecto social para sua construção. O questionário respondido pela inspetora da Secretaria Regional de Educação de Teófilo Otoni, Rosane, nos revela que as escolas urbanas não oferecem condições adequadas à formação educacional dos jovens camponeses. Isso mostra que como educadores de escola pública precisamos nos atentar às reflexões trazidas pela Educação do Campo e participar nessa luta por direitos junto aos povos do campo, que mesmo estando na escola pública urbana tem direito ao conhecimento que liberta e transforma as ações numa sociedade, ao conhecimento que eles conseguem se identificar e participar de sua construção.

A pesquisa, de certa forma, contribui com a formação dos educadores porque faz refletir sobre nossa prática profissional, nosso engajamento com as questões sociais, nossa luta pelos direitos junto a muitos educandos que não tem

voz e nem vez, nossa humildade em aprender com a sabedoria do povo e como afirma CALDART (2002) ser sempre um educando.

Seria interessante que outras escolas, com outros perfis, também refletisse sobre que tipo de educação nós queremos? Aquela voltada somente para o mercado ou aquela que humaniza o nosso conhecimento? Fica a pergunta para futuras pesquisas.

Que a Educação do Campo possa avançar em seus debates pelos direitos dos camponeses e desperte em nós educadores a paixão pela prática docente por vezes esquecida, o entusiasmo expresso nas palavras de ARROYO (1999, p. 17) - "Tenho uma lembrança muito boa da minha experiência na escola rural e é por isso que falo apaixonado que é possível uma nova escola. É possível recuperar a educação básica, recuperar o saber, a cultura, a ética, recuperar os valores próprios de uma educação básica do campo."

Por fim, termino com o depoimento de um educando da EFACIL:

Trabalho duro na roça, mas não deixo de estudar.
Capino, roço, mas na tecnologia pude me identificar.
Não manjo tudo de tecnologia, mas o pouco que sei, pessoas posso ajudar.
Estudo de jeito diferente, algumas pessoas chegam até a se queixar.
Na escola agrícola aprendo novo modo para minha bela terrinha nunca abandonar; amo minha terrinha, pois nunca deixou fome eu passar.
Agradeço a Deus pela chuva que deixou minha plantação brotar.

(Depoimento original digitalizado em anexo).

REFERÊNCIAS

ANTUNES-ROCHA, M. I. **Representações sociais de professores sobre os alunos no contexto da luta pela terra**. Tese (Doutorado em Educação). Belo Horizonte: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, n.º2.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p.25-35.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra –** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Características da investigação qualitativa. In: _____. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994, p.47-51.

BRASIL. Lei nº 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial República Federativa do Brasil, Brasília, 20 de dezembro de 1996.

CALDART, Roseli S. **A escola do campo em movimento**. Coleção Por uma Educação Básica do Campo nº 3, Brasília, DF, 2000.

CALDART, Roseli S. **Momento Atual da Educação do Campo**. In: **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo** / Mônica Castagna Molina e Sônia Meire Santos Azevedo de Jesus (orgs.). Brasília, DF: Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo, 2004. Coleção Por Uma Educação do Campo, nº 5.

CALDART, Roseli S. **Ser educador do povo do campo**. Seminário Nacional por uma Educação do Campo. Brasília, 2002.

CORALINA, Cora. **Poemas Dos Becos De Goiás E Estórias Mais**. Editora Global, 2006.

FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. **O lugar do campo na sociedade moderna**. In: Conferência Nacional: Por uma Educação Básica do Campo. Brasília, 1988.

FERREIRA, Nilda Teves. **Cidadania: uma questão para a educação. Os fins da Educação e a questão da Cidadania**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 05-29.

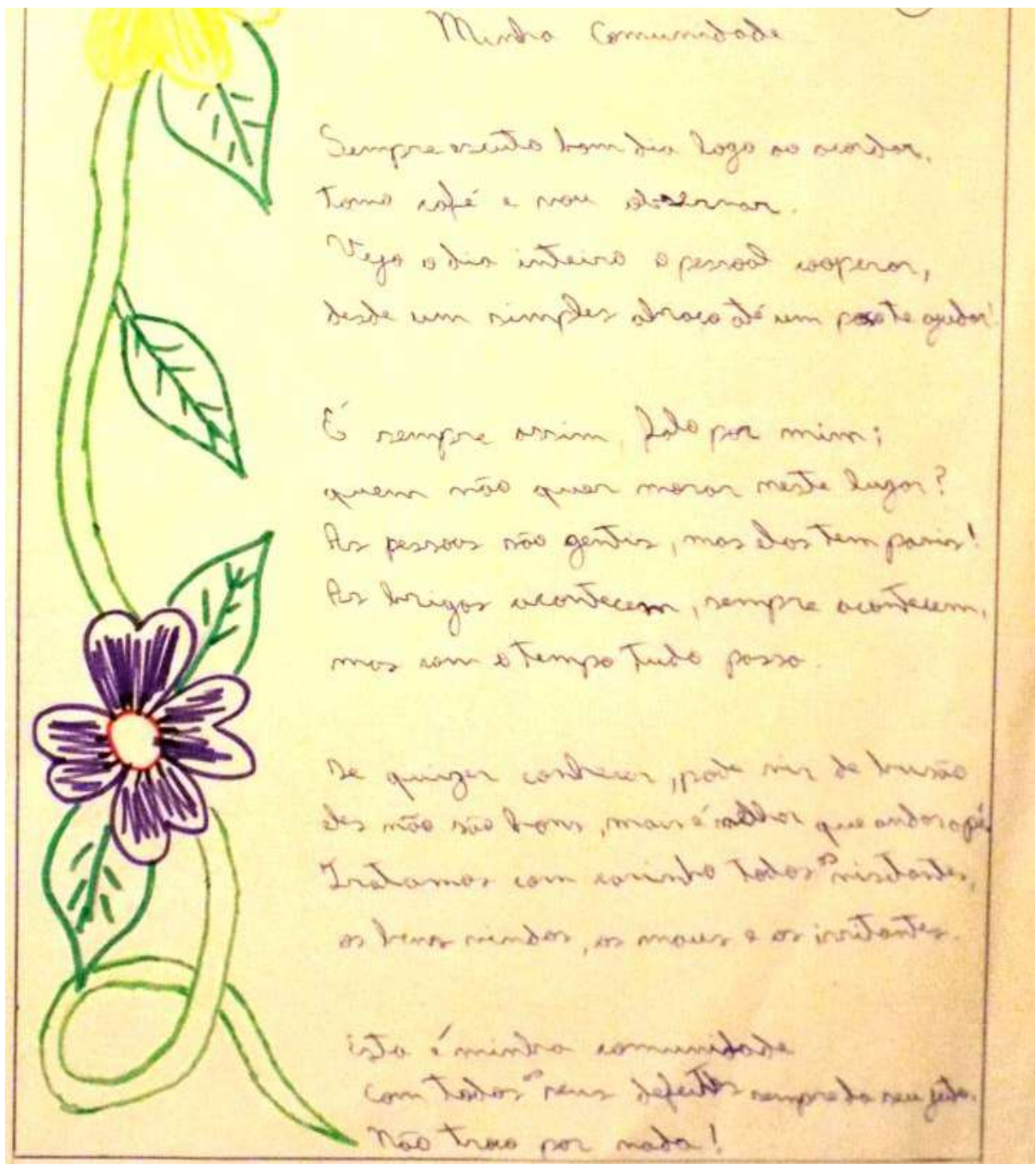
MEURER, José Luiz. Uma dimensão crítica do estudo dos gêneros textuais. In: MEURER, J.L.; MOTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MAZZETTO SILVA, Carlos Eduardo. Políticas públicas e desenvolvimento rural: em busca de novos caminhos. In: **II Simpósio Nacional de Geografia Agrária, o campo no século XXI**. São Paulo: USP, 335-349, 2003.

CORALINA, Cora. **Biografia e vida de Cora Coralina**. Disponível em WWW.pensador.uol.com.br

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma pedagogia do conflito. In: FREITAS,...; MORAES, Salete Campos (Orgs.). **Contra o desperdício da experiência: a pedagogia do conflito revisitada**. Porto Alegre: Redes Editora, 2009, p.15-40.

ANEXO I – Poema “Minha Comunidade”



Fonte: Arquivo Pessoal

ANEXO II – Poema “A Solidariedade na minha comunidade”

A solidariedade na minha comunidade
 na minha comunidade tem muita gente
 A maioria trabalha, mas tem os que ficam à toa
 no final do semana encontram no bote
 As vezes não é para beber e sim para ficar mais perto
 da também tem; o que chamamos de serrete
 bebe a cista das outras, mas não paga nem um cope
 Quando alguém adoece, logo chega a vizinhança
 inteira, não importa se é domingo ou um
 dia segunda-feira.
 mas se o estado merece a família fica desorientada,
 logo chega muita gente e ela se sente confundida.
 O Pês é quando o difunto é da família de "Costa",
 pois o povo não fica no velório se não tiver água ardente
 pra gente contar piada perto da fogueira quente.
 Lá tem um povo de gameleira, lá lugar arrumado
 fica perto do cemitério, a noite não posso lá nos
 arrumados.
 Tem um diferente mental, o nome dele é mané
 homem de bom coração em sei que ele é,
 mas além de não tomar banho, só vive com
 Dicho no Pé, em todo lugar que chega é recebido com um café
 meu lugar é simpático, pode até ir lá conhecer
 Tenho certeza que todos terão prazer em te conhecer.

ANEXO III – Poema “Comunidade do Rio Manso”

Comunidade do Rio Manso

Rio que lido
 corre tranquilamente
 para desaguar

Rio que lá tá o meu sustento
 que passo lentamente
 para que os animais
 possam utilizar a água
 Matando a sua sede

Rio que do rudo
 as pessoas e os animais
 e melho a orto
 dando orgulho aqueles
 que páro lá e pod. se
 utilizar

Rio que corre de rugar
 para se desaguar no mar
 até o fim ele chegar

ANEXO IV – Poema “Saber Viver”

Saber viver

Para mim saber viver é amor
 A todos sem exceção
 Respeitar a todos
 Viver com empatia

Saber viver é aproveitar as oportunidades
 que a vida nos dá.
 Fazer tudo com vontade sem parar
 tomar atitudes e ter responsabilidades.

Fazer tudo com carinho.
 Honrar pai e mãe.
 Alma - meus sempre de verdade
 Enfrentar a vida com coragem.
 Trabalhar com honestidade
 Ter determinação.
 Saber perdoar e
 viver em harmonia

Fonte: Arquivo Pessoal

ANEXO V – Poema “A vida”

A vida é o amor puro e sincero
que Deus nos deu.

Do que vivemos, do que queremos e
queremos o bem estar da vida.

Por que amar a vida?

Porque ela é curta e passageira
Tudo o que vivemos tem sentido
na mente das pessoas.

Seja nem curta, nem longa,
mas que seja intensa... verdadeira.

É o que dá sentido à vida
É o que faz com que ela dure.

Enquanto durar
que seja intensa e pura
A vida é um colo que acolhe

O amor e que promove
mudanças em nossa vida

ANEXO VI – Texto “O que é Saber Viver para você?”

O que é Saber Viver para Vc?

Para mim Saber Viver é...

Viver o nosso presente como se fosse o último momento de nossas vidas, por que o passado não pode voltar.

Correr ~~em~~ em busca do que queremos, sem olhar para trás e sempre olhar para frente.

Lutar por um mundo sem poluição, violência, discriminação.

Passar por cima de todas as barreiras, ultrapassar todos os obstáculos para alcançar o impossível.

Aproveitar todas as oportunidades que a vida nos dá.

Viver, o agora por que a vida é uma só!

Saber respeitar as pessoas, aprender a lidar com as dificuldades da vida e mostrar para as pessoas que nós não desistimos nunca.

ANEXO VII – Depoimento do educando da EFACIL

Trabalho duro na roça, mas não desisto de estudar.
Cupemo, suco, mas na tecnologia pude me identificar.
Não manje tudo de tecnologia. mas o pouco que sei, penso possa ajudar.
Estudo de jeito diferente, algumas pessoas chegam até a se esquecer.
na roça agrícola aprendo novo modo para minha bela terra. nunca abandonar a minha terra por nunca deixar fome eu passar.
Agradeço a Deus pela cura que deu a minha plantação de batata.

Fonte: Arquivo Pessoal